



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas**

**AFRICANIDADES NA FONÉTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Camilla da Silva Mendes<sup>1</sup>  
Nathalia Reis de Medeiros<sup>2</sup>  
Thiago Soares de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho teórico objetiva explorar a influência africana na manifestação da fala brasileira, apontando que a diversidade na forma de realização oral de um vocábulo também se dá por via da influência. Para tanto, utilizar-se-á a obra de estudiosos do assunto. Além disso, conforme a necessidade deste trabalho, serão explicados fenômenos de fonética histórica denominados metaplasmos, comparando a recomendação de uso da norma-padrão da língua com a realização oral efetiva dos vocábulos.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro. Influência africana. Realização Fonética.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras e bolsista de iniciação científica. Instituto Federal Fluminense. E- mail: camillamendes12@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras e bolsista de iniciação científica. Instituto Federal Fluminense. E- mail: nathalia.reism@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Professor da licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense. E-mail: so.thiago@hotmail.com.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

## **1 Introdução**

É sabido que a língua portuguesa brasileira é formada por uma mescla de influências de variadas origens, dentre elas a africana. Não apenas na cultura, nos hábitos e nas crenças, a influência africana atinge também departamentos linguísticos caros à gramática normativa, como a sintaxe e a fonética, motivo pelo qual se elege esta última área como campo para discussão que se pretende desenvolver.

Este trabalho teórico e de cunho exploratório tenciona investigar a influência africana na manifestação da fala brasileira, considerando a diversidade da realização linguística no português brasileiro. Como base teórica, adotam-se autores da seara da História da Língua Portuguesa, da Filologia e da Linguística, com o objetivo dar conta das duas seções em que se divide este artigo: a primeira, que pretende resgatar o panorama histórico da influência africana na língua brasileira desde a chegada destes ao continente; a segunda, que tem o escopo de explicar os diversos fenômenos fonéticos que se manifestam na língua nacional, demonstrando que a diversidade de manejos é resultado de processo de influência linguística.

É justamente neste sentido que se afastam os comentários que possam vir a suscitar qualquer tipo de preconceito linguístico contra a língua materna, porque se entende que a língua é constituída por meio da diversidade, o que a torna rica e distinta. Em razão da própria fonte de dados a que se recorre para a confecção deste artigo, considera-se a pesquisa bibliográfica como a melhor metodologia para dar conta do objetivo proposto. No mais, justifica-se esta pesquisa graças a fato de as africanidades estarem em voga no Brasil como reconhecimento da relevância da influência africana na língua e literatura portuguesas. Prova disso é I Congresso Internacional e III Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades: Literaturas e Linguística, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Africanidades e Brasilidades (NAFRICAB), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no ano de 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Assim sendo, ainda que sem esgotar o assunto, este trabalho planeja pôr em evidência a relevância do entendimento da ação do substrato africano para o comportamento de diversas realizações orais no português brasileiro, explicando o porquê de algumas peculiaridades em relação à oralidade.

## **2 O africanos no Brasil: contexto geral e influências múltiplas**

Como os índios já não mais eram suficientes às atividades demandadas, os portugueses, que buscavam mais "braços" que trabalhassem a terra e executassem tarefas desprestigiadas, foram em busca dos africanos, principalmente dos que pertenciam ao grupo composto pela Guiné, pelo Sudão Ocidental e pela África Austral, como afirma Darcy Ribeiro (1995). O autor ainda aponta outros representantes de grupos menores provenientes da Gâmbia, de Serra Leoa, da Costa do Marfim e de outras localidades. Logo, os africanos tornaram-se fonte matriz para as diversas peculiaridades que revestem a língua portuguesa manejada no país.

Não é possível datar ao certo quando se inicia a introdução dos escravos negros no Brasil, mas sabe-se que, cerca de meio século antes do descobrimento, já havia comércio de escravos africanos pela Europa, sendo que Portugal funcionava como sede desse mercado. É possível observar que, no Brasil, a escravidão negra é fruto contemporâneo da colonização, já que a escravização de negros surgiu da necessidade de mão de obra para a realização de trabalho que antes eram executados por índios, os quais passaram a ser protegidos pelos jesuítas e, conseqüentemente, tornaram-se inviáveis aos trabalhos braçais na lavoura e, posteriormente, aos trabalhos nas minas (RODRIGUES, 2010).

Acredita-se que, no século XVIII, a predominância da etnia negra no Brasil era bastante nítida, uma vez que, em 1700, a população total do Brasil era de 300 mil pessoas, sendo que 100 mil eram indivíduos brancos e 170 mil eram escravos de origem africana. Esse número se manteve no período de 1700-1800, devido ao



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

descobrimto aurífero de Minas Gerais, o que acarretou a necessidade de mais mão de obra, além da já existente da cultura de cana de açúcar (ARAÚJO e ARAÚJO, 2009).

Nos primeiros séculos de colonização do Brasil, não era possível definir uma língua apenas a ser falada no país, e o português nada mais era do que mais uma língua falada pelos 300 mil habitantes da América portuguesa. Nos locais mais periféricos, era a língua geral<sup>4</sup> que predominava. Já nas províncias que impulsionavam a colonização brasileira, Bahia e Pernambuco, a mão de obra escrava fazia com que as línguas francas africanas, como o quimbundo, fosse a mais falada com o objetivo de facilitar a comunicação. No interior e ao redor dos engenhos ou nos quilombos, as línguas francas africanas conviviam com variedades de línguas como o pidgin e as línguas crioulizadas do português (LUCCHESI, 2008).

Segundo Garcia (2002), não chegou a existir um contato real entre os portugueses e a língua africana no Brasil. O que havia, na verdade, eram duas línguas diferentes de intercurso, ou seja, línguas que eram simplificadas em prol de um mútuo entendimento entre os povos. Todavia, existia um semicrioulo português, a partir do qual os portugueses se comunicavam com os escravos negros e também com os mestiços. Tal comunicação era facilitada pelos negros, visto que eles já haviam aprendido o português na África, nas possessões portuguesas onde haviam sido comprados.

É necessário levar em consideração que sete milhões de escravos africanos foram trazidos para o Brasil, de acordo com a estimativa corrente. e nesse número incluem-se os negros nagôs e negros bantos. A princípio, as línguas faladas por esse povo eram: o nagô ou ioruba, porém de importância inferior, que influenciou apenas o lugar que atualmente é a Bahia, e o quimbundo, que é uma língua mais rica, expressiva e que abrangeu todos os demais estados. É devido a essa divisão que a região da Bahia possui um sotaque mais

---

<sup>4</sup> Língua articulada pelos portugueses, cuja base era o tupi, com o objetivo de facilitar a comunicação entre colonos e índios.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

carregado, considerado este um traço linguístico regional (CARDOSO e CUNHA, 1978).

Devido a fato de os escravos negros terem aprendido o português nas possessões portuguesas na África, diferentemente de seus descendentes, que aprenderam no Brasil, isso gerou um desinteresse grande pela raiz da língua africana, o que talvez possa ser uma justificativa histórica para o fato de a cultura negra ser vista como inferior para alguns, especialmente porque a relação de convívio entre ambas as línguas (portuguesa e o conjunto das africanas) era vista como algo potencialmente perigoso, com possibilidades de prejuízos à integridade da língua herdada pelos europeus. Porém, tal falácia é desmistificada por Rodrigues (2010):

Não tem crédito a errônea suposição de que fosse quase nula a influência das línguas pretas no falar brasileiro, quando muito se limitando a legar ao português alguns termos africanos. Menos nessa riqueza de vocabulário do que nas construções sintáticas e modos de dizer, se deve buscar a origem de numerosos desvios populares brasileiros do genuíno português da velha metrópole (RODRIGUES, 2010, p. 135).

Como é possível observar na obra de Rodrigues (2010), as línguas africanas influenciaram em peso o falar brasileiro, bem como em campos como a sintaxe, o léxico e a fonética, até porque, apesar de os africanos terem sido muito discriminados e desprestigiados, o convívio com a língua portuguesa foi duradouro no Brasil. Ainda que não houvesse uma forte consideração com as línguas africanas, havia a todo tempo um contato, básico consoante Garcia (2002), com tais línguas, contato este que resultou em influências que serão ilustradas com exemplos mais a seguir,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A respeito da participação dos africanos e seus descendentes na história linguística do Brasil, há uma dupla face: de um lado, há uma atuação destacada do elemento na propagação da língua portuguesa no Brasil, agindo como um dos responsáveis pela europeização linguística do Brasil; do outro, está a forte repressão cultural que impediu a conservação no território brasileiro das línguas africanas que, por três séculos de tráfico negreiro, chegaram ao Brasil, passando pelas bocas de milhões de indivíduos. E, na convergência desses dois vetores, é possível averiguar o papel crucial do contato linguístico na forma das características mais perceptíveis no falar de boa parte do povo brasileiro (LUCCHESI, 2008).

Um ponto importante a respeito da influência africana sobre o falar brasileiro é que, diferentemente da influência tupi, a africana alcançou mais a área da fonética e morfológica, e não o vocabulário. Isso porque tanto a língua nagô como o quimbundo eram as línguas majoritárias trazidas da África pelos escravos. De qualquer forma, é possível notar influência lexical da língua nagô principalmente no campo religioso, como é exemplo de palavras como Ogum, Orixá, Exu e outras, enquanto a língua quimbunda marca sua influência em palavras que são utilizadas no cotidiano em geral, como é caso das palavras: moleque, dengue, fubá, cafuné, samba e outras. Tanto o nagô quanto o quimbundo são línguas que não possuem um sistema flexional, portanto, ao adotar o português como um idioma secundário, os escravos tinham a necessidade de imprimir hábitos que fossem correntes na própria fala. É por isso que é sob a influência do negro que há uma tendência maior para a simplificação das flexões e também certa modificação de fonemas que se observam no falar do povo brasileiro (CARDOSO e CUNHA, 1978).

É possível destacar a influência crioula<sup>5</sup> em três níveis de estruturação da língua, sendo eles:

1) Fonético, no qual é possível notar a redução do ditongo a uma única vogal, por exemplo: doutor > dotô; a transformação do grupo "lh" em iode, como ocorre com

---

<sup>5</sup> Os descendentes africanos nascidos na América.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

mulher > muié; a assimilação de grupo consonantal em nasal, como em tomando > tomano; a apócope do "r" final, que pode ser observado em amor > amô, e do "l" final em general > generá.

2) Morfofonológico, representado pela queda da primeira sílaba do verbo estar, que toma a forma "tô" na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Nesse nível, também há casos de aglutinação fonética, ilustrados pelos exemplos "zoio", em lugar de "os olhos", e "zoreia", em vez de "as orelhas".

3) Morfológicos, em que acontece a simplificação da flexão verbal, que passa a limitar-se a somente duas pessoas no nível da forma. A título de exemplo, pode-se citar o verbo ir, cujas realizações orais se dão apenas como "vou" e "vai", independentemente da pessoa a que a forma verbal se refere. Assim, "eu vou", "tu/você vai", "ele/ela vai", "nós vai", "vocês vai" e "eles/elas vai". A inexigência de flexão de número também é um ponto a ser notado nessa seara, como em: as mulheres > as muié.

No área do léxico, notam-se na língua portuguesa manejada no Brasil vocábulos de procedência africana em diferentes departamentos. Eis alguns exemplos:

- 1) Nomes geográficos: Bangu, Carangola, Murundu, Caxambu, Guandu, Quilombo, etc.
- 2) Designação de divindades, ministros de cultos, práticas rituais e credences: Exu, Iemanjá, Olorum, Oxum, Orixá, Xangô, candomblé, mandinga, macumba, quimbombo, tutu, etc.
- 3) Instrumentos musicais: batuque. Bangulê, jeguedê, jongo, lundu, maracatu, samba, berimbau, marimba, urucungo, etc.
- 4) Alimentos, iguarias e bebidas: acarajé, angu, vatapá, quitute, quimama, cachaça, acará, marafo, jeribita, mugunzá, quenga, etc.
- 5) Animais, insetos e aves: camundongo, gongolo, marimbondo, caxinguelê, etc.
- 6) Árvores, plantas, legumes e frutas: dendê, inhame, chuchu, jiló, maxixe, quiabo, etc.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

- 7) Inflamação, doenças e estados d'alma: calombo, caxumba, maculo, calundo, etc.
- 8) Objetos de uso, enfeites e vestes: cachimbo, carimbo, gongá, miçanga, tanga, etc.
- 9) Habitação, local de reunião ou onde se exerce algum tipo de atividade e prisão: cubata, quimbembe, mocambo, quilombo, senzala, baguê, etc.
- 10) Pessoas levando em consideração o sexo, a idade, a condição social e a camaradagem: macota, obá, zambi, moleque, denço, macamba, mobica, mucama, entre outro.

Também há outras palavras de origem africana que não se enquadram nos departamentos apresentados, como é o caso de fubá, búzio, cafuné, muxiba, molambo, muxoxo e outros. Há ainda alguns adjetivos como: banguelo, caçula e xacoco. Também é possível encontrar alguns verbos formados a partir de nomes que já fazem parte de palavras do idioma, mas são provenientes do africano, como: aquilombar, banzar, batucar, cochilar, sungar, xingar, etc. Além dos exemplos citados, existem as palavras de origem africana que se introduziram no vocabulário de maneira composta ou derivada, sendo estas: angu-de-carço, pé-de-moleque, azeite-de-dendê, banzeiro, quiabal, etc. Por fim, encontram-se também algumas fraseologias de influência negra, como: danças o lamba, estar de calundu, etc.

Além de todas as influências mencionadas até este ponto do trabalho, não se pode excluir a influência africana na entoação do falar brasileiro, uma vez que esta cadeia sonora soa mais vagarosa, o que acaba resultando em uma elocução mais cadenciada e repousante do que se era falada no país. O que é fortemente notado no sotaque dos nordestinos (CARDOSO e CUNHA, 1978).

Neste momento, é preciso assegurar que as alterações fonéticas e flexivas apontadas neste trabalho não sejam generalizadas, e sim restritas à oralidade. Como se sabe, a norma-padrão dispõe de compêndios padronizadores da escrita, o que faria dos exemplos aqui utilizados meros resíduos de validade precária. Com efeito, o que se pretende consignar é que o manejo da língua no cotidiano, em



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

ambientes não monitorados, é marcado por influências africanas. Não se incluem nesse rol de marcações alguns vocábulos da língua portuguesa porque normalmente são utilizados e registrados como componentes do léxico, que abrange "todas as palavras pertencentes de alguma forma a um idioma, passíveis de serem empregadas em seus vários níveis linguísticos" (BASSETO, 2010, p. 27). Ainda é necessário levar em consideração de que muitas influências africanas, principalmente culturais, sofreram adaptações de tal maneira que, no país, não refletem exatamente as manifestações como era na África (CARDOSO e CUNHA, 1978).

No campo da literatura, a cultura africana também marcou presença, não em autores, e sim em influências nas obras. Infelizmente o negro não chegou ao ter o prestígio que o índio conseguiu alcançar, uma vez que este foi enaltecido até mesmo em uma corrente literária. Castro Alves, que fora considerado um grande talento, no entanto, consegue considerável repercussão com sua ilustre obra *Navio Negreiro e das Vozes d'África* para a raça negra, o que pode ser considerado como parte de uma necessária justiça reparadora para o que até então era uma opressão secular (MENDONÇA, 2012).

Tudo o que fora apresentado pode ser resumido no simples fato de saber que todos os aspectos típicos de qualquer lugar que seja acabam por implicar a modificação da estrutura da língua com que convivem. Nesse caso, por exemplo, é possível dizer que a língua deixou de ser portuguesa e passou a ser brasileira, visto que todas as características apresentadas como influências advindas da África sofreram modificações, passando a caracterizar uma nova modalidade de uma mesma língua.

Por fim, como o trabalho apresentado visa tratar das influências africanas e crioulas no português brasileiro no campo fonético, não se faz interessante o aprofundamento de outros campos como o do léxico e da cultura, em que é evidente a forte influência africana. Logo, é de conhecimento que outros campos da língua portuguesa manejada no Brasil foram sobremaneira influenciados pela



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

riqueza das africanidades; neste trabalho, porém, não serão aprofundados a fim de não fugir ao escopo inicialmente delimitado.

### **3 A influência africana na fonética do português brasileiro**

O português brasileiro sofreu muitas influências ao longo de sua história, o que corroborou para que adquirisse características próprias, principalmente na fonética. Uma dessas influências vem a ser o elemento africano, apontado por Aragão (2010/2011) como a terceira unidade influenciadora depois do elemento indígena e do próprio português trazido pelos colonizadores. Entretanto, tal ação se deu majoritariamente no falar das classes mais baixas, como aborda Mendonça (2012, p. 80) ao dizer que “o negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular”. Aragão (2010/2011) também concorda que a influência africana ocorreu no falar popular dos praticantes do português brasileiro:

A nosso ver, as influências fonético-fonológicas e lexicais das línguas africanas no Português do Brasil levam-nos a falar não em influências diatópicas ou regionais, mas em influências diastráticas ou sociais. Ou seja, são falares das classes não alfabetizadas ou semi-alfabetizadas que sofreram maior influência fonético-fonológica e léxica das línguas africanas (ARAGÃO, 2010/2011, p. 10-11).

Dessa forma, entende-se que as variações linguísticas causadas pela influência das línguas africanas não são justificadas pela mudança de região, e sim de classe para classe. Logo, é importante atentar-se para o preconceito linguístico que envolve o falar derivado do africano e a dificuldade de aceitação, principalmente no meio acadêmico, de que tal elemento foi de grande importância para a formação do português brasileiro. É possível observar que muitas pesquisas foram realizadas acerca da influência do tupi, mas não dos falares



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

africanos justamente por ocorrer esse tipo de preconceito, uma vez que os africanos adentraram em solo brasileiro como escravos sem acesso à educação, consoante Guerreiro (2015), e influenciaram muito mais o falar de indivíduos não alfabetizados e de classes mais baixas do que os indivíduos escolarizados e com maior poder aquisitivo.

Ainda segundo Guerreiro (2015), “este modo ‘errado’ e adaptado do falar do negro provocou alterações relevantes no PB, originou alterações fonéticas e acrescentou muitas palavras ao PB, enriquecendo de maneira admirável o seu léxico.” (GUERREIRO, 2015, p. 7), ou seja, esse modo considerado incorreto de falar, embora não seja alvo de muitas pesquisas, foi responsável por grandes mudanças nos campos morfológico, lexical, sintático e fonético, sendo este último o alvo deste trabalho. No campo da fonética, é possível observar de imediato que há uma grande diferença no modo de falar entre o português manejado em Portugal e o português manejado no Brasil, mais pausado por herança das línguas africanas. Esse aspecto arrastado do falar brasileiro é explicado por Mendonça (2012), que confirma ter vindo dos falares africanos um alongamento das pré-tônicas acompanhado de uma elocução clara.

Em uma reflexão mais intensa, observa-se que diversas alterações fonéticas provocadas pelo elemento africano encontram-se presentes até hoje na oralidade do português brasileiro. Segue abaixo a Tabela 1, cujos dados são desta pesquisa, com os principais metaplasmos<sup>6</sup> que ocorrem nas possíveis alterações causadas pelos falares africanos:

<b>Alterações fonéticas de origem africana no português brasileiro</b>		
<b>Metaplasmos</b>	<b>Escrita</b>	<b>Oralidade</b>

<sup>6</sup> “Transformações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” (COUTINHO, 1974, p. 142).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Aférese	Você	Ocê
Apócope	General	Generá
Assimilação	Registro	Rezisto
Metátese	Porquê	Pruquê
Monotongação	Cheiro	Chêro
Rotacismo	Falsidade	Farsidade

Fonte: dados da pesquisa.

Na Tabela 1, nota-se que há grande diferença no que diz respeito aos aspectos fonético-fonológicos devido ao contato do português com as línguas africanas, o que causa severa distinção entre a escrita e a fala brasileira. Dessa forma, adotam-se os estudos de Aragão (2010) e Mendonça (2012) por explicarem como ocorrem tais alterações fonéticas com base nos fenômenos linguísticos que são denominados metaplasmos.

Atribui-se ao elemento africano a ocorrência de aférese durante a manifestação oral de diversos vocábulos, ou seja, o "processo de mudança que ocorre quando há a supressão de um segmento fonético em posição inicial de palavra" (XIMENES, 2003, p. 19). De acordo com Mendonça (2012), um exemplo muito usual na oralidade do português brasileiro herdado dos falares africanos, vem a ser o uso de "ocê" em detrimento do "você". É importante ressaltar que Teixeira (2008) diz que a frequência de uso do "você", utilizado para substituir o pronome pessoal do caso reto "tu", diminui à medida que aumenta o nível de escolaridade. Dessa forma, aponta-se para uma tendência de uso do pronome que sofre aférese.

No segundo exemplo, ocorre o processo denominado apócope, que consiste na queda de um fonema ao final da palavra, como aborda Coutinho (1974). Para Mendonça (2012), esse processo, no português brasileiro, ocorre na maioria das vezes com as consoantes "l" e "r" como em "mel > mé" e "general > generá". Tal manifestação, segundo o mesmo autor, aparece nos dialetos crioulos da África como no exemplo "chegar > chegá", exemplo do falar cabo-verdiano.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Não só na oralidade, mas também na escrita em meio digital, a queda do “r” no infinitivo dos verbos é muito comum.

Outra ocorrência de alteração fonética causada pela influência africana é denominada de assimilação, definida por Ximenes (2003. p. 21) como o “processo de mudança que consiste na passagem de um fonema para outro devido à aproximação e à semelhança de traços articulatórios entre eles”. Mendonça (2012) traz como exemplo o que ocorre, esporadicamente, no dialeto brasileiro carioca: a transformação do “g” em “z” quando antecede as vogais “e” ou “i”, como ocorre no exemplo “registro > rezisto”. Também é possível observar, mesmo que raramente, a mudança do fonema “j” para sibilante “z” como em “Jesus > Zesús”, que também é um vestígio do falar africano.

Há também, segundo Aragão (2010/2011), a presença de metátese do “r” pós-vocálico no português brasileiro como herança das línguas africanas. Metátese, de acordo com Hora. Telles e Monaretto (2007. p. 180), “é a transposição de sons; é uma mudança em que os sons trocam de posições com um outro dentro de uma palavra”. Tal fenômeno é observado no exemplo “porquê > pruçê”, em que há o deslocamento do “r” após a vogal “o” para antes desse mesmo fonema. Interessante é que esse fenômeno também ocorre nos falares da parte setentrional de Portugal e na língua galega como é visto no exemplo pautado na *Real Academia Galega, Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*: “perguntar > preguntar”. No entanto, não se encontraram estudos que apontem uma relação necessária entre tais ocorrências.

Já a monotongação “é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura” (ARAGÃO, 2014, p. 5). Mendonça (2012, p. 84), que prefere denominar esse fenômeno de redução, entende que “os ditongos *ei* e *ou*, por influência africana, reduziram-se na língua popular do Brasil”. É possível observar que é muito comum na oralidade do português brasileiro a redução dos ditongos como em “cheiro > chêro”, “couve > côve”, entre outros. A monotongação é um fenômeno presente também no português manejado em Portugal, principalmente nos dialetos da zona centro-meridional. Porém, assim como a metátese, não se



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

encontraram evidências de uma possível ligação entre o que ocorre nas línguas africanas e no português europeu.

Outra alteração fonética por influência africana no português brasileiro é o rotacismo, que consiste na troca do fonema “l” pelo fonema “r” e ocorre nos dias atuais principalmente no falar das zonas rurais brasileiras, gerando certo preconceito linguístico. Nesse sentido, Aragão (2010/2011. p. 12) traz o exemplo de “falsidade > farsidade”, demonstrando a ocorrência desse fenômeno na sentença “eu num gosto de farsidade”, em que é possível perceber a simplificação linguística presente no português brasileiro, herdada das línguas africanas. Dessa forma, entende-se que as influências das línguas africanas no português brasileiro encontram-se presentes até hoje na modalidade oral, não sendo bem aceitas quando apresentadas na modalidade escrita, uma vez que a fala é individual e heterogênea, apresentando variações de acordo com o meio social e cultural, diferentemente da escrita, que é fortemente padronizada pela gramática normativa.

Em suma, depreende-se que a influência do elemento africano sobre o português brasileiro estende-se aos demais campos linguísticos, não sendo restrito ao campo fonético. Entretanto, é importante explorar cada vez mais a questão da oralidade, já que ainda há grande preconceito quando o assunto é o modo de falar de um indivíduo. É importante também buscar entender cada uma das ocorrências presentes na modalidade oral do português, por se tratar de uma língua viva e que está constantemente recebendo diversas influências capazes de alterá-la, como o fizeram os elementos indígena e africano, que foram capazes de transformar toda uma língua e contribuir para a construção de uma vertente do português que reflete toda a história e cultura do Brasil.

#### **4 Conclusão**

Que a língua portuguesa praticada no Brasil é bastante distinta da praticada em Portugal, colonizador de diversos países da comunidade lusófona,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sabe-se que isso é um fato amparado pelos estudos das influências e contatos de outras línguas e dialetos durante o percurso histórico no Brasil.

Tão importante como a influência indígena, a ação africana sobre o português do Brasil é múltipla e pode ser percebida em vários níveis, tais como o morfológico, o lexical, o morfológico e, principalmente, o fonético, foco do estudo neste trabalho. No nível fonético, várias alterações que se manifestam na oralidade podem ser vistas de forma preconceituosa, caso não seja considerado o contato entre línguas como fator capaz de influenciar a realização oral, motivo pelo qual, para ilustrar situações de uso bastante corriqueiro no país, utilizaram-se vocábulos simples e correntes na língua.

Alterações como aférese, apócope, assimilação, metátese, monotongação e rotacismo, consideradas figuras de dicção relacionadas aos aspectos fonéticos da língua, ainda sejam processos históricos que se manifestam na evolução linguística, estão presentes na oralidade como prova dos traços deixados pela influência africana. Isso colabora para o entendimento da verbalização de determinadas palavras, especialmente no nordeste do Brasil, onde a fala mais lenta e a simplificação oral são características bastante salientes em razão do contato africano com língua portuguesa.

Assim sendo, não há que se falar em preconceito em relação às possibilidades de realização de determinados vocábulos, já que o estudo histórico demonstra como a influência linguística deixa elementos fonéticos que passam a integrar o idioma com o qual teve contato, o que ocorrem entre as línguas africanas e a língua portuguesa dos colonizadores lusitanos no Brasil. O resultado disso, além da mescla de outros fatores e influências não tratados aqui, é uma língua rica, variada e peculiar: o português brasileiro.

### **Referências**

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. **Revista de Letras**. Vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20->



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01\_Africanismos\_no\_portugues\_d  
o\_Brasil.pdf. Acesso em: 28 de nov. de 2016.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina** (ALFAL 2014), João Pessoa - Paraíba, Brasil. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/r0395-1.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2016.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; ARAÚJO, Jean Marcel de Oliveira. A Formação sócio-histórica do português do Brasil: Contribuições do Recôncavo Baiano. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: difusão da língua portuguesa, n° 39, p. 95-116, 2009.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica** - Volume II - história interna das línguas românicas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

GARCIA, Afrânio da Silva. O português do Brasil. Questões de substrato, superstrato e adstrato. **SOLETRAS**, Ano II, n° 04. São Gonçalo : 70 UERJ, jul./dez. 2002.

GUERREIRO, Márcia Bernadete Neisnek. **Influências indígenas e africanas no léxico do português do Brasil**. Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em:

[https://run.unl.pt/bitstream/10362/18278/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Mestrado\\_M%C3%A1rcia\\_Guerreiro.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/18278/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado_M%C3%A1rcia_Guerreiro.pdf)

HORA, Dermeval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria. Português brasileiro: uma língua de metátese?. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 178-196, setembro de 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>.

Acesso em: 27 de nov. de 2016.

LUCCHESI, Dante. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. *In*: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Orgs.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 151-180. Disponível em: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/10122008232732.pdf>. Acesso em: 20 de dez. de 2016.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/24719/983->

[Influencia\\_Africana\\_no\\_Portugues\\_do\\_Brasil\\_A.pdf](#). Acesso em: 23 de nov. de 2016.

Real Academia Galega, **Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego**. 23<sup>a</sup> ed., março de 2012. Disponível em: <http://academia.gal/documents/10157/704901/Normas+ortogr%C3%A1ficas+e+morfol%C3%B3gicas+do+idioma+galego.pdf>. Acesso em: 26 de nov. de 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** - a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo. O pronome você no português de Luanda. *In*: LIMA HERNANDES, Maria Célia *et al.* (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. Disponível em: [http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03\\_9.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03_9.pdf). Acesso em: 28 de nov. de 2016.

XIMENES, Expedito Eloísio. Alguns termos da linguística histórica. **Revista Philologus**, ano 9, n. 25, Rio de Janeiro CIFEFIL, jan./abril. 2003, p. 45-61. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO09/25/RPh25.pdf>. Acesso em: 06 de nov. de 2016.